PSICANÁLISE E SAÚDE COLETIVA: EXPLORANDO CONEXÕES E INTERCESSÕES DE UMA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS

CHRISTOPHER CARDOZO DA SILVA; GIOVANNA BRUCKER ROGGIA; MARCELO MOREIRA CEZAR; PASCALE CHECHI FIORIN; TARCIANO ORTOLAN DE BARCELOS

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo realizar uma discussão entre os referenciais da psicanálise e o âmbito da saúde coletiva, tendo em vista o fenômeno das redes sociais. Considerando o pressuposto teórico do "grande Outro" como constitutivo de operador analítico das redes sociais atuais. Com o objetivo de entender como essa intersecção se dá na sociedade contemporânea a partir das redes sociais e discutir a intercessão conceitual entre a saúde coletiva e psicanálise, sobretudo, apresentar entendimento teórico entre saúde coletiva e psicanálise e como as redes sociais estão influenciando no âmbito da saúde coletiva. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a partir de uma revisão integrativa da literatura nas bases de dados Scielo e Pepsic, em artigos publicados nos últimos 5 anos, segundo os descritores: "saúde coletiva, psicanálise e redes sociais". Os resultados versam sobre como as redes sociais se apropriam de um corpo virtual, que os atravessa por comentários de apreciação como forma de exaltar atributos característicos daquele grupo social. Aprisiona, assim, sujeitos nas redes sociais, onde o regime de informação é espesso e denso, da mesma maneira que a ideia de sociedade contemporânea de consumo não se desfaz e constrói vínculos de capazes de tornar cada hiato de vida do sujeito em algo comercial.

Palavras-chave: Psicologia; Psicanálise; Redes Sociais; Saúde Coletiva; Contemporaneidade.

1 INTRODUÇÃO

O movimento pela democratização da saúde tomou corpo no Brasil durante a segunda metade da década de setenta, possibilitando a formulação do projeto da Reforma Sanitária Brasileira. O surgimento do Sistema Único de Saúde (SUS), se deu em decorrência dessa reforma, e se fortaleceu em moldes teóricos, práticos, de intenso debate político e social. O SUS provocou um novo entendimento acerca do fenômeno saúde-adoecimento, abrindo espaço para a interdisciplinaridade com o objetivo de promover mudanças no modelo curativo e fomentar práticas ampliadas de promoção e prevenção de saúde.

Atualmente a Saúde Coletiva caracteriza um campo que faz diálogos com disciplinas de novos pressupostos epistemológicos como a Psicologia e a Psicanálise, provocando tensionamentos e questionamentos que indicam novas possibilidades de olhar, compreender, pensar e atuar (VAL *et al.,* 2017). Nesse sentido, cabe destacar a importância de um diálogo

DOI: 10.51161/conasc/22122

entre a psicanálise e a saúde coletiva, uma vez que sua articulação pode produzir benefícios não só para a atuação de profissionais, como também em suas formações, propondo uma forma singular de olhar o sujeito. O estudo busca entender como essa intersecção se dá na sociedade contemporânea a partir das redes sociais.

No campo da saúde, a influência positivista é consolidada há séculos como uma das orientações previstas para estruturação de conteúdo científico. Subentende-se que exista um mundo objetivo e externo ao pesquisador, com fenômenos observáveis e dimensionáveis que sustentam conhecimentos pertinentes, suscetíveis a relação de causalidade. Essa perspectiva sustentou a forma decisória de orientação na construção da medicina como ciência (CAPRA, 1987).

Em contraposição a essa posição de paradigma, outro padrão emergente foi acrescido a ideia nuclear, fruto da proximidade de duas ciências do cenário natural, Ciências Humanas e Sociais, ainda que na tentativa de aproximação homogeneizante pela articulação do conceito positivista em um ensaio da humanidade, não conseguiu diminuir as divergências paradigmáticas conceituais sugeridas ao conceito inicial. Desta forma, um paradigma alternativo foi propulsor na unificação de um eixo principal que consubstanciou a ideia de complexidade que o conceito de neutralidade e racionalidade científica sustentada até então. O conceito de processos sócio-históricos, subjetividades e relações que se estabelecem entre o objeto de estudo e o pesquisador, passou a orientar as perspectivas de investigação, abrindo novas possibilidades de reflexão a respeito do sujeito e sua cercania social (VASCONCELOS, 2002; MORIN, 2015).

Parafraseando sobre os moldes de trabalho científico, uma das interpretações propostas por Kuhn intitulada "paradigmas" pode auxiliar no entendimento frente a utilização do método de investigação e conceitualização. O autor "considera 'paradigmas' as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência" (2013, p. 40). Para ele, o que impera entre as produções de conhecimento na esfera científica é a concorrência entre os modelos explicativos. A escolha entre esses modelos determina os sedimentos de produções conceituais/teórica/metodológicas compartilhadas, que contém um certo peso para um certo grupo em um momento histórico determinado.

No cenário contemporâneo, a Saúde Coletiva tornou-se um campo onde diversas teorias dialogam dentro dos pressupostos epistemológicos. A possibilidade de um novo olhar, pensar, compreender têm levantado questionamentos e aproximações entre as esferas filosófica, psicológica, psicanalítica e das ciências sociais (GUEDES; NOGUEIRA; CAMARGO JR., 2006). Se por um lado o olhar desse campo incidiu sobre as coletividades uma minuciosa análise, por outro, as questões antropológicas conquistaram um lugar de estudo interpretativo, etnográfico e de representação. Não obstante, ainda cerceia uma certa timidez sobre o olhar para o sujeito através do escopo pulsional que destoa da racionalidade cartesiana (ONOCKO-CAMPOS, 2012).

Observamos no cotidiano e nas redes sociais que alguns relacionamentos são movidos por uma busca velada em direção à satisfação. Os relacionamentos afetivos contemporâneos, abordados por Bauman, (1999) como "líquidos", circulam as demonstrações de sentimentos através das redes para validação frente ao parceiro, propondo uma visão sobre o modo de transição moderno de relacionamento e aproximando esse escopo a uma busca de satisfação momentânea. Se por um lado, a esquiva de um relacionamento duradouro possa ser a tentativa frustrada de distanciar-se do amor materno; temos de outro, o acolhimento das redes sociais como gerador de sensação de proteção, impactante para a noção de pertencimento (KLEIN, 1996).

DOI: 10.51161/conasc/22122

Representado como "grande Outro[1 1]", as redes sociais utilizam como forma de expressão a linguagem. As redes sociais se apropriam de um corpo virtual, que os atravessa por comentários de apreciação como forma de exaltar atributos característicos daquele grupo social. Segundo Zizek (2010), o grande Outro, a partir de uma concepção lacaniana, é a linguagem, é o simbólico que representa parte do inconsciente. O discurso expressado através da linguagem é parte do inconsciente. Constitui, assim, o atravessamento dos discursos da própria linguagem. Dessa forma, o grande Outro é a parte fundadora do inconsciente que estrutura o sujeito através do discurso.

Nesse solo fértil, as considerações a respeito da psicanálise ganham um espaço, e não se limitam a vida no interior do sujeito enquanto ser social. Indubitavelmente, o conceito de inconsciente proposto por Freud (2010) não se restringe a algo individual. Além disso, as suas formações atravessam o campo da linguagem e são distribuídas pelo coletivo e pelo público como ferramenta do simbólico abrangendo suas diversas formas de uso e expressão (LACAN, 1998; ZIZEK, 2010).

O presente artigo tem como objetivo realizar uma discussão entre psicanálise e saúde coletiva, considerando o fenômeno das redes sociais. Com objetivos específicos: discutir a intercessão conceitual entre a saúde coletiva e psicanálise; apresentar entendimento teórico entre saúde coletiva e psicanálise; analisar a influência das redes sociais no âmbito da saúde.

2 METODOLOGIA

Para embasar os estudos desse conceito foi conduzida uma análise a partir de uma revisão literatura integrativa (WHITTEMORE, KNAFL, 2005) na base de dados Schielo e Pepsic dos últimos 5 anos, a partir dos descritores "saúde coletiva, psicanálise e redes sociais", além de percorrer conteúdos que se apresentam em livros e artigos consoante a problemática proposta. Configurando assim, uma busca intencional de materiais teóricos.

O ponto de partida para esse material foi refletir, após a leitura do material encontrado, como a sociedade moderna está estruturando seus laços de interação e pensar que a saúde coletiva também está presente nas redes sociais. A revisão de literatura se utiliza de um contexto sócio-histórico para o estudo do enunciado e sua interpretação configura um adentrar a mais do que é dito. Essa metodologia é essencial para o desenvolvimento da conceitualização do tema que visa servir como base para estudos posteriores (HART, 2018).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos descritores e na franja temporal foram encontrados 5 artigos: 3 artigos na base dados da Scielo e 2 artigos na base de dados da Pepsic. A partir destas informações encontradas, podemos pensar em saúde coletiva mediante uma estratégia interdisciplinar fundamental para a construção de uma convivência, através das diferenças partilhadas de um paradigma preeminente. Sua realização, porém, não se torna simples, solicitando reflexões que podem ser revigoradas por indicações extraídas das contribuições psicanalíticas. A clínica psicanalítica coloca em xeque a construção constante que o sujeito faz da sua realidade a partir de seus eternos encontros/desencontros com o gozo. A cada instante que o sujeito encontra um obstáculo na realidade, acaba por produzir uma nova forma de representação, revelando a impossibilidade que a sua existência tem de aprender por completo as manifestações desejantes pela via da linguagem (SANTOS, 2005).

[1] Segundo Žižek (2010), o grande Outro, a partir de uma concepção lacaniana, é a linguagem, é o simbólico que representa parte do inconsciente. O discurso expressado através da linguagem é parte do inconsciente. Constitui, assim, o atravessamento dos discursos da própria linguagem. Dessa forma, o grande Outro é a parte fundadora do inconsciente que estruturará o sujeito através do discurso

DOI: 10.51161/conasc/22122

Por outro lado, o progresso do conhecimento torna flexível qualquer rigidez possível, devendo perdurar um espaço aberto e sujeito a revisões. Para que isso funcione, se faz necessário um lugar em que as teorias e técnicas predeterminadas possam ficar suspensas para nutrir uma lacuna onde possa haver construções subjetivas para o sujeito – separando a sua singularidade – podendo ser reconhecida e expressada. O discurso científico que os profissionais da saúde utilizam, no entanto, nos d ireciona ao devaneio de que é possível alcançar uma totalidade de saber que dará conta de solucionar todos os problemas (MILLER, 2006; GUERRA; CUNHA; SILVA, 2015).

Na saúde coletiva, pensando em facilitar o deslocamento da posição de saber, abrem-se espaços para construção de arranjos e dispositivos cuja orientação é facilitar o contato com profissionais de diferentes áreas, circulando a postura de maestria (CAMPOS; DOMITTI, 2007). Nesse sentido, as contribuições da psicanálise visam questionar o lugar científico hegemônico e seus pressupostos de racionalidade, intencionalidade e consciência dentro da sua própria metodologia de produção de conhecimento. Para a psicanálise, o assunto de interesse é o sujeito que se situa em um espaço de pulsões, promovendo ao significante aquilo que o nomeie e o que escapa, a partir de uma máxima escrita por Lacan (1998, p. 518) "penso onde não sou, portanto, sou onde não me penso". Isso nos leva ao entendimento de que o sujeito que nos declara não é aquele que nos revela o sujeito da declaração, mas sim, aquele que produz um desconhecimento.

Isso determina uma lacuna que abre espaço para o lugar de desconhecimento do sujeito, uma revisão na concepção objeto de pesquisa, em que o objeto determinando para pesquisa se mostra de maneira interativa com o pesquisador em um processo ininterrupto de re(cons)truções. Essa ideia foge das delimitações tradicionais do método científico, na perspectiva de que está em jogo uma investigação onde se encontra algo pronto e estagnado, disposto a ser encontrado pelo pesquisador, em contraponto, uma barganha que abre possibilidades para o surgimento de um conteúdo (ONOCKO-CAMPOS *et al.,* 2013).

Consoante aos apontamentos, a forma de investigação de um trabalho – excepcionalmente no campo da saúde coletiva – que tenha como objetivo estritamente o sujeito, desconsiderando as suas origens e processos sócio-histórico, está destinado às interdições elementares da estruturação dos elos da modalidade do laço social, para tanto, conhecer suas peculiaridades se torna fundamental para a edificação conceitual que destoa do paradigma hegemônico (GUEDES; NOGUEIRA; CAMARGO JR., 2006).

No contemporâneo, a forma de relacionamento das comunidades revela o declínio das tradições que norteavam a vida patriarcal. A noção de autoridade, foi aos poucos, sendo trocada pela busca de uma satisfação imediata pela via do consumo. Ofertas de objetos dentro da sociedade capitalista criaram uma atmosfera de que tudo é possível, promovendo a identificação generalizada com a figura genérica do consumidor. Os sujeitos se distanciaram da organização que prevalecia em torno de ideias simbólicas, que em outro momento marcavam as faltas constitutivas, e foram em direção aos objetos que prometem saturar o nosso vazio existencial (EIDELBERG, 2009).

Neste eixo, as noções do corpo, no seu âmbito mais somático, passaram a ser foco da gestão individual diante do imperativo de performance perfeita. Essa propensão forja um declive do universo simbólico e o desfiar das relações sujeito/social, desencadeando potenciais conteúdos de fonte de desamparo. As manifestações decorrentes desse processo abrangem as intermediações da linguagem, por exemplo: ansiedades, depressões e adições que não conseguem alcançar a expressão pela via do dialeto (COELHO *et al.*, 2016).

As características dos laços estabelecidos no século XXI cerceiam as características da moral do consumo. Relações são instantâneas e flutuantes onde o objeto amoroso segue a lógica do descarte. Carregam o sinônimo "*light*" enquanto compromisso, ao mesmo tempo, em que seguem a ordem do excesso, ultrapassam o que é privado com o público (Salles, *et al.*, 2013).

DOI: 10.51161/conasc/22122

Segundo Bauman (2007), com a revolução sociocultural moderna, se fez necessária mudanças no convívio cotidiano, visando a lógica da excelência como construtora de relações rápidas e eficazes, necessárias para o tamponamento da frustração. De acordo com Mendes (2013, p. 1):

> Se a sociedade freudiana era vitoriana e patriarcal, favorecendo a histeria e o mascaramento das pulsões e do desejo, a sociedade atual, que teve lugar a partir da década de 60, se notabiliza pela radicalização das sensações e pelo deslizamento veloz em torno de novos objetos de desejo, proporcionando o aparecimento do gozo, da depressão e das montagens perversas.

Ainda, segundo Bauman (1999), as novas "relações de bolso" são bem-sucedidas porque são compostas por dois princípios: são doces e têm curta duração. Isso indica que o relacionamento é passageiro com rápida sensação de pertencimento, algo que cabe no bolso. Guardado quando queremos, trocamos quando não servem mais, prático e fácil. A falta de manutenção daquilo que possuímos leva ao descarte por algo novo, melhor e mais bonito, que possuem mais "*gadgets"* produzidos pelos padrões da cultura do consumo. Assim como o líquido se conforma em um recipiente, os seres se relacionam consigo mesmo e com outros seguindo esse princípio.

Para acrescentar uma noção de relevância das contribuições psicanalíticas dentro dos conceitos teórico-práticos no escopo da Saúde Coletiva, Onocko-Campos (2012, p. 13) assevera que não há: "um sujeito do inconsciente possível de se desenvolver em uma cápsula hermeticamente isolada do seu meio cultural e social". Distanciando a ideia deduzida pelo senso comum de que a psicanálise se coloca em um trabalho restrito aos atendimentos particulares destinados às pessoas que detém um certo poder aquisitivo, enquanto a saúde coletiva seria uma intervenção na sociedade de forma comunitária. Miller (2006), complementa, que: "não há clínica do sujeito sem clínica da civilização" (p. 21), ficando a cargo do analista estar ciente do momento sócio-histórico em que vive e as formas de manifestação decorrente da convivência no seu espaço político e social.

4 CONCLUSÃO

Para tanto, somos aprisionados nas redes sociais, onde o regime de informação é espesso e denso, da mesma maneira que a ideia de sociedade contemporânea de consumo não se desfaz e constrói vínculos de capazes de tornar cada hiato de vida do sujeito em algo comercial. Nesse sentido, o 'eu' é a todo tempo intuito a produzir-se a si mesmo de modo que o limite de o Self e o outro se suprime. Há, portanto, a identificação do sujeito narcisista que emerge nele mesmo (HAN, 2022; HAN,2021).

Conclui-se, portanto, que sob forte influência positivista, os primórdios da saúde trouxeram a consolidação da medicina como ciência e, desse modo, a edificação de bases mais voltadas para um estruturalismo. Todavia, o olhar psicanalítico visa a união ao sujeito em todas as suas manifestações. Isto posto, o campo da saúde coletiva possui certo atravessamento com base nesse histórico de vários saberes, cabe em síntese salientar que as relações, os diálogos e às possíveis ações entre esses contextos podem vir se tornar muito relevantes, principalmente se for considerado o atual cenário de permeabilidade dos meios tecnológicos. Ainda é observado um recrudescimento de sofrimentos contemporâneos como depressões e ansiedades, contudo, pode crer-se que o elo entre a saúde coletiva e a psicanálise torna-se basilar no atual cenário e, como cita Hooks (2021, p.165), "Conversar é uma forma de criar comunidade".

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CAMPOS, Gastão Wagner. S.; DOMITTI, Ana Carla. **Apoio Matricial e equipe de referência**: uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 399-407, 2007.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente.** São Paulo: Cultrix, 1987.

COELHO, Vivian. A. A.; COSTA-VAL, Alexandre.; SILVA, Rosemeire. A.; CUNHA, Cristiane. F. **Navegar é preciso, viver é (im)preciso**. Estudos Contemporâneos da Subjetividade, v. 6, p. 100- 112, 2016.

EIDELBERG, Alejandra. **Porciones de nada.** La anorexia y la época. Buenos Aires, Editorial Del bucle, 2009.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GUEDES, Carla. R.; NOGUEIRA, Maria. I.; CAMARGO JR., Kenneth. R.de. **A subjetividade como anomalia**: contribuições epistemológicas para a crítica do modelo biomédico. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v.11, n. 4, p. 1093-1103, 2006.

GUERRA, Andréa. M. C.; CUNHA, Cristiane. F.; SILVA, Ricardo. S. **A assistência social pública na interface entre subjetividade e política**. Belo Horizonte: Scriptum, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte.** Petrópolis: Vozes, 2021**.**

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia.** Petrópolis: Vozes, 2022.

HART, Chris. **Doing a literature review: Releasing the research imagination**. Doing a Literature Review, p. 1-352, 2018.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** São Paulo: Elefante, 2021.

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. Os últimos 50 anos da psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 35, n. 66, p. 25-31, 2013.

MILLER, Jacques-Allain. **Você quer mesmo ser avaliado: entrevistas sobre uma máquina de impostura.** São Paulo: Manole, 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ONOCKO-CAMPOS, Rosana. T. **Psicanálise e saúde coletiva**: interfaces. São Paulo: Hucitec, 2012.

ONOCKO-CAMPOS, R. T. *et al.* Narrativas no estudo das práticas em saúde mental: contribuições das perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamim e da antropologia médica. **Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, v. 18, n. 10, p. 2847-2857, 2013.

SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa; SANCHES, Nina Rosa Artuzo; ABRAS, Rosa Maria Gouvêa. Algumas características dos laços amorosos nos dias atuais. **Estudos de Psicanálise**, n. 40, p. 15-20, 2013.

SANTOS, Tania. C. (Org.). **Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

VAL, Alexandre C. *et al.* Psicanálise e Saúde Coletiva: aproximações e possibilidades de contribuições. **Revista de Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, v. 27 nº 4, p (1287-1307), 2017.

VASCONCELOS, Maria José Esteves. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência.** Campinas: Papirus, 2002.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. **The integrative review: updated methodology. Journal of advanced nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.

ZIZEK, Slavoj.. **Como ler Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.